

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CECILIA MANGINI  
23 de outubro de 2021

## IL MONDO A SCATTI / 2021

um filme de Cecilia Mangini e Paolo Pisanelli

**Realização e argumento:** Cecilia Mangini e Paolo Pisanelli / **Fotografia:** Paolo Pisanelli / **Som:** Matteo Di Simone / **Montagem:** Matteo Gherardini / **Música:** Admir Shkurtas / **Efeitos Visuais:** Ivan Tozzi.

**Produção:** OfficinaVisioni, Istituto Luce, RAI Cinema / **Cópia:** ficheiro digital, 89 minutos, legendado eletronicamente em português e inglês / **Estreia Mundial:** Festival de Cinema de Veneza (secção Giornate degli Autori), 3 de setembro de 2021. Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

---

Com a presença de Paolo Pisanelli

---

*Para falar do meu cinema é preciso falar da minha fotografia,  
para falar da minha fotografia é preciso falar do meu cinema.*

(Cecilia Mangini em **Il mondo a scatti**)

Há na filmografia de Cecilia Mangini como realizadora um longo hiato de quase trinta anos entre o último filme que assinou em meados dos anos 1970 (**La briglia sul collo**) e o seu regresso como autora em **In viaggio con Cecilia**, feito em co-realização com Mariangela Barbanente em 2013. Longe de significar um afastamento do cinema (durante todo esse período colaborou como argumentista nos filmes de outros realizadores, nomeadamente em dois filmes que vamos ver neste Ciclo realizados pelo seu companheiro Lino Del Fra - **Antonio Gramsci: i giorni del carcere** e **La torta in cielo** -, e fez a sua estreia como atriz em **Vif-argent**, do francês Stéphane Batut), tal ausência do seu nome nos créditos como realizadora ficou a dever-se sobretudo a mudanças no sistema de produção cinematográfica e televisiva do documentário em Itália que tornavam cada vez mais difícil haver produtores interessados na peculiar sensibilidade do seu olhar e no forte compromisso social e político que lhe subjaz. Em entrevista, Mangini referiu-se com amargura à experiência da rodagem de **La briglia sul collo** por lhe ter sido recusado pelo produtor o tempo que ela pedia para poder dar a justa atenção às pessoas que surgem nesse retrato de uma infância difícil (apesar de tudo o filme resistiu e é um afectuoso retrato de uma criança estigmatizada). Nesse momento, dizia ela, terá percebido que já não tinha forças para lutar por financiamentos cada vez mais difíceis e contra a homogeneização das formas de produção que rasurava a identidade e as necessidades de cada filme, preferindo dedicar-se aos projectos de outros.

Assim foi até 2013, quando é convencida pela documentarista Mariangela Barbanente (por sinal, sua prima) a voltar a realizar. Até à sua morte no início deste ano de 2021 (foi uma das vítimas da terrível catástrofe que foi a pandemia da covid-19 em Itália), o seu nome voltaria a constar em vários filmes como realizadora, sempre em corealização. Esta “segunda vida” de Mangini como realizadora – começada, é importante dizê-lo, quando já tinha atingido os 86 anos – é claramente diferente da primeira. Mais do que filmes *de* Cecilia Mangini, parece-nos que estas últimas obras são sobretudo filmes *com* e *sobre* Cecilia Mangini, tornando-a verdadeiramente no seu principal ou único assunto. Naturalmente marcados pelas personalidades artísticas menos vincadas dos seus co-autores e por uma enorme (e justificada) reverência à importância de Mangini, diríamos que passando a ser ela o centro das atenções (todos esses filmes são sobre a sua história profissional e sobre as suas ideias), a singularidade do olhar de Mangini acaba por estar menos presente na própria construção formal dos filmes, já que aquilo que fazia a identidade do seu cinema anteriormente era precisamente a capacidade de auscultar o mundo e traduzi-lo em imagens e sons que trazem sobre ele um novo ponto de vista. Um olhar de cinema, portanto.

Filme-póstumo (Cecilia Mangini não chegou a assistir à estreia), **Il mondo a scatti** não traz maior novidade ao cânone da sua obra, mas tem a curiosidade e o mérito de permitir fechar o círculo daquilo que foi o seu percurso profissional numa despedida emotiva da sua incrível energia e lucidez (em contraste com a frágil figura de anciã com 93 anos). Tomando como tema a antiga relação de Mangini com a fotografia (já explorada no filme anterior de Pisanelli com ela, **Due scatole dimenticate**, que veremos na segunda-feira), **Il mondo a scatti** permite perceber como ela chegou ao cinema com o olhar já “formado” pela lente da máquina fotográfica e como o que lhe vai interessar no documentário é o mesmo que já lhe interessava nas suas fotografias: o encontro com o mundo em toda a sua complexidade para daí extrair a possibilidade de uma leitura capaz de restituir essa multiplicidade numa nova forma, simultaneamente fiel e infiel ao “original”.

É por isso muito interessante acompanhar a revisitação que Mangini faz das suas “velhas” fotografias e da sua relação com o mundo da imagem nas suas várias expressões (fotografia, cinema e pintura são formas de expressão visual que para Mangini não existem separadamente), isto à medida que o filme a segue durante as várias viagens que realizou pelo mundo nos seus últimos anos de vida para acompanhar exposições do seu trabalho fotográfico e retrospectivas dos seus filmes (a tardia mas justa reparação por um apagamento de décadas do seu nome e da importância da sua obra). À interrogação lançada por Mangini no final deste filme (“não sei se fui uma grande fotógrafa, fui uma fotógrafa”), respondemos que foi uma grande cineasta.

Nuno Sena